



A representação da esfera pública norte-americana na autobiografia de Emma Goldman.

Nilciana Alves Martins¹

Recebido em: 29/08/2019

Aprovado em: 12/11/2019

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo principal investigar qual foi a interpretação crítica que a anarquista e feminista Emma Goldman (1869-1940) elaborou no que se refere à esfera pública seletiva norte-americana em sua autobiografia “Vivendo Minha Vida” publicada, pela primeira vez, em 1931. Nesse sentido, analisaremos quais eram os assuntos que, segundo Goldman, eram retratados e, em certo sentido, “julgados” pela esfera pública norte americana nas últimas décadas do XIX e nas primeiras do século XX, bem como qual era a perspectiva crítica da anarquista em relação a essa representação midiática. Para cumprir tal tarefa, dialogamos com estudos ligados não só a História das Mulheres, como também aqueles relativos à esfera pública do entresséculos e, evidentemente, com a metodologia que reflete sobre os *escritos de si*.

Palavras-chave: Emma Goldman. Esfera Pública. História das Mulheres.

The representation of the north american public sphere in the autobiography of Emma Goldman.

ABSTRACT

The main objective of this article is to investigate what was the critical interpretation that anarchist and feminist Emma Goldman (1869-1940) elaborated with regard to the selective American public sphere in her autobiography "Living My Life" Published for the first time in 1931. In this sense, we will analyze what were the subjects that, according to Goldman, were portrayed and, in a sense, "judged" by the North American public sphere in the last decades of the XIX and in the early twentieth century, as well as what was the critical perspective of Anarchist in relation to this media representation. In order to accomplish this task, we dialogue with studies linked not only to the history of women, but also to those related to the public sphere of the midcenturies and, of course, with the methodology that reflects on the writings of oneself.

Keywords: Emma Goldman. The Public Sphere. History of women.

¹ Bacharela em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora, mestranda pelo Programa de Pós- Graduação em História da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), bolsista da FAPEMIG. E-mail: nilcianaalves@gmail.com.



1 INTRODUÇÃO

O século XX foi, a nível global, um momento de grandes modificações tecnológicas, sociais, políticas, culturais e, também se pode dizer, que foi um contexto de significativas mudanças historiográficas. Entre as décadas de 1970 e 80, houveram mudanças significativas no campo das ciências humanas no geral, bem como na forma de se compreender e escrever a História. Foi nesse contexto, que os historiadores começaram a analisar as relações entre as ações dos sujeitos históricos e as estruturas sociais de outra forma. E, por isso mesmo, os pesquisadores passaram, naquele momento, a dar atenção especial para os “diferentes aspectos micro-históricos extraídos da vida cotidiana de homens normais” (IGGERS, 2010, p. 108) bem como se atentam para a importância do “significado da cultura e da linguagem” (*Idem*) na hora da elaboração de uma representação histórica. Para dar exemplos práticos dessas mudanças, é nesse cenário que estudos que possuíam como temática as questões de gênero, sexualidade, raça e classe começaram a conquistar seu protagonismo e que pesquisas oriundas de uma perspectiva decolonial ganharam espaço na historiografia. Segundo a historiadora Margareth Rago (1995, p. 82):

É ao longo da década de 1980, porém, que emerge o que se poderia considerar uma segunda vertente das produções acadêmicas sobre as mulheres. Aí floresce um conjunto de estudos preocupados em revelar a presença das mulheres atuando na vida social, reinventando seu cotidiano, criando estratégias informais de sobrevivência, elaborando formas multifacetadas de resistência à dominação masculina e classista. Confere-se um destaque particular à sua atuação como sujeito histórico, e portanto, à sua capacidade de luta e de participação na transformação das condições sociais de vida.

Mas, de qualquer forma, não se tratava apenas de um irromper de novos objetos de estudos, mas também do desenvolvimento de novas metodologias para compreender esses objetos em sua complexidade. Entre as décadas de 1970 e 80 começou-se a perceber que, em certo sentido, somente depois de feita uma crítica àquela concepção de ciência de cunho positivista e instrumental os estudos históricos tornavam-se possíveis. Nesse sentido, respondendo a “euforia cética”², que questionava o estatuto científico da História, o historiador italiano Carlo Ginzburg, demonstrou que mesmo diante da presença de uma variável subjetiva

²Foi dessa forma que Carlo Ginzburg nomeou a proposta de historiadores como Hayden White que, em grande medida, questionavam a possibilidade da História se caracterizar como uma ciência. Ver mais em: GINZBURG, Carlo. *O fio e os rastros. Verdadeiro, falso, fictício*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. Entretanto, vale ressaltar, que “com exceção de Hayden White, todos os mais importantes culturalistas dos anos oitenta [...] recuavam perante seu relativismo epistemológico radical, sem, porém, desistir de seu interesse pela cultura” (IGGERS, 2010, p.110).



na produção do conhecimento histórico; mesmo com o caráter inerentemente narrativo do historiador, ainda sim, a História é uma ciência, mas uma *ciência sui generis* e que, por isso mesmo, não representativa do paradigma galileano, e sim do paradigma indiciário, teorizado por Ginzburg³. Com isso, atualmente, pode-se afirmar que muito já se discutiu sobre as diferentes fontes históricas e os métodos necessários para analisar cada uma delas e obter, por fim, um conhecimento científico. Mas, de maneira geral, hoje prevalece à ideia de que as fontes não são, pura e simplesmente, representações de uma verdade absoluta, mas indícios que, graças à ação – isto é, o método empregado pelo pesquisador –, ajudam na elaboração de premissas passíveis de veracidade.

A essa altura é importante atentar que, por muito tempo, o uso da autobiografia, das *escritas de si*, como fonte histórica esteve fora de cogitação, pois prevalecia a ideia de que esses textos não seriam possuidores da objetividade, seriedade e racionalidade necessárias para o desenvolvimento de uma pesquisa científica. Entretanto, dada às mudanças de paradigmas citadas acima – ou seja, em um contexto marcado pelo *giro linguístico*, pelo *retorno da narrativa*⁴ – começa-se a questionar tal situação. Em 1971, o francês Philippe Lejeune, escreveu o artigo “Le pacte autobiographique”⁵, no qual buscou teorizar os *escritos de si* enquanto gênero discursivo. Tem-se, então, o início da consolidação desse campo de estudo. Atualmente, pesquisas que se amparam em *escritas de si* são muitas⁶ e, muitas também foram, às mudanças no que se refere à metodologia empregada para a construção de biográficas, como também no que diz respeito ao uso de autobiografias enquanto fonte histórica. O próprio Lejeune fez modificações em sua proposta metodológica, escrevendo “O pacto autobiográfico (bis)” em 1986 e “O pacto autobiográfico, 25 anos depois” em 2001.

O presente artigo, tendo como fonte uma *escrita de si*, busca investigar como a esfera pública norte-americana do entresséculos aparece representada na autobiografia de Emma Goldman⁷. Nesse sentido, pretende-se identificar quais pontos a personagem mobiliza para

³Sobre essa questão ver GINZBURG, Carlo. “*Mitos, Emblemas, Sinais*”. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, 2ª edição, 2ª reimpressão, 2007.

⁴Sobre essas questões ver CERTEAU, Michel. “*A Escrita da História*”. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

⁵Ver mais em LEJEUNE, Philippe. “*O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*”. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

⁶Existe uma variedade de trabalhos científicos que possuem como objetos de estudo as “escritas de si”. Só para ilustrar: partindo de textos autobiográficos, pesquisadores investigam diferentes questões, como, por exemplo, a auto-representação nesses textos ou, até mesmo, usam textos autobiográficos de historiadores como “fonte para o conhecimento das experiências e das trajetórias profissionais dos historiadores” (AURELL, 2014, p. 342).

⁷A partir de agora trataremos Emma Goldman pela sigla “E.G.”.



realizar uma crítica em relação a forma com dados acontecimentos foram retratados por determinados jornais da época. Portanto, se faz necessário uma rápida referência ao conceito de *esfera pública*. Tal conceito apareceu, em 1962, na tese de livre docência de Jürgen Habermas, denominada “Mudança Estrutural da esfera pública”. Tomada, ao lado do Estado e do Mercado, como a terceira instituição da modernidade, a *esfera pública* em Habermas “tinha como principal característica o debate livre e racional entre os cidadãos sobre questões públicas” (PERLATTO, 2015, p. 123), seu aparecimento estava, segundo Habermas, relacionado a ascensão da burguesia e a arquitetura urbanística ditada por essa mesma ascensão e, segundo o sociólogo, no contexto de seu surgimento (XVIII), ao menos teoricamente, as opiniões presentes na esfera pública seriam legitimadas “pela força dos melhores argumentos racionais mobilizados no debate público, que deveriam ser considerados e valorizados independentemente de fatores como poder, riqueza ou status social” (Ibid.; p.124). Habermas comentou, em outras obras, sobre algumas mudanças que ocorreram na esfera pública no século XX e XX, como aponta o professor Fernando Perlatto (*Idem*):

A constituição dessa esfera⁸ esteve diretamente associada à ascensão da burguesia, bem como ao crescimento das cidades, à proliferação dos cafés e dos salões e, sobretudo, ao novo papel adquirido pela imprensa, que passou a se configurar como um ‘fórum’ apartado das instâncias estatais, no qual se debatiam questões públicas e se constituíam opiniões críticas topicamente definidas, capazes de problematizar publicamente a legitimidade das ações do Estado [...] De acordo com Habermas, ao longo dos anos, a esfera pública sofreu uma série de mudanças estruturais, passando a se constituir, no século XIX, como um espaço de pressão, como decorrência do próprio processo de democratização e da ampliação do público que passou a exigir a consideração de seus interesses no sistema político. Já no século XX, a esfera pública teria passado por um processo gradativo de degeneração, como decorrência da obliteração da divisão entre as esferas privada e pública, quer pela privatização de espaços pertencentes ao domínio público, quer pela intervenção cada vez mais ampliada do Estado no domínio privado, que teriam conduzido à transformação do ‘cidadão’ em ‘cliente’ ou ‘consumidor de serviços’.

Posteriormente, críticas foram feitas a Habermas, principalmente, no que diz respeito a seus escritos nos quais ficaram evidente sua perspectiva pessimista em torno da esfera pública do século XX, pois Habermas teria negligenciado a possibilidade de agência de diferentes atores e grupos sociais que, em certo sentido, foram, como hoje se sabe, capazes de interferir na esfera pública do século XX, segundo Perlatto e outros autores, Habermas teria desconsiderado “a emergência de novos segmentos sociais e a possibilidade de que fluxos comunicativos originários do mundo da vida pudessem ser mobilizados no debate público, por meio da pressão

⁸Aqui o autor se refere a *esfera pública*.



das associações voluntárias desvinculadas do mercado e do Estado” (Idem). Ao falar sobre as críticas em relação a Habermas, Perlatto afirma que (*Ibid.*; p. 125):

De modo geral, pode-se dizer que essas críticas procuraram problematizar a formulação de Habermas sobre a esfera pública, chamando a atenção para a desconsideração, em sua obra, quanto à existência de outras esferas públicas na sociedade, constituídas por segmentos como os operários e as mulheres que, não obstante excluídos da esfera pública burguesa, formularam discursos e participaram de diferentes maneiras dos debates sobre questões públicas. Se Negt e Kluge (1993) tiveram o mérito, em 1972, de realizar uma primeira crítica mais ampla à formulação habermasiana, no livro *The Public Sphere and Experience. Toward an analysis of the bourgeois and proletarian public sphere*, demonstrando como uma esfera pública proletária atuava em paralelo à esfera burguesa, foi Nancy Fraser quem melhor sistematizou essas objeções, ao desenvolver o conceito de ‘subaltern counterpublics’.

Levando em consideração as colocações de Nancy Fraser e seu conceito de *subaltern counterpublics*, podemos dizer que nossa personagem, isto é, E.G., ao fundar o periódico *Mother Earth* (1906-1917), buscou criar uma outra narrativa para questões que eram, não raro, retratadas de forma estereotipada pela maior parte da esfera pública norte-americana. A essa altura é relevante apontar que, mesmo os EUA buscando consolidar uma autoimagem como “país da democracia”, no entresséculos, existia ali uma *esfera pública seletiva*, que não questionava o *status quo* e sua moral e, simultaneamente, uma *esfera pública subalterna*⁹. E.G. buscou fortalecer essa última ao fundar a *Mother Earth*. No presente trabalho compartilhamos uma concepção de *esfera pública seletiva e subalterna* que pode ser descrita da seguinte forma (*Ibid.*; p.123):

Parte-se do pressuposto de que essas esferas se relacionam permanentemente, quer de forma dialógica, quer de maneira conflituosa. Não obstante se reconheça a existência de uma ‘circularidade cultural’ entre essas esferas – para utilizar a formulação conceitual de Ginzburg (1998), em diálogo com Mikhail Bakhtin –, com cada qual filtrando determinados elementos de outra, a partir de seus próprios valores e condições de vida, é preciso reconhecer que as relações comunicacionais entre elas se deram, historicamente, de maneira desigual, com a busca constante da primeira em construir um discurso hegemônico sobre a segunda. Além disso, como bem percebido por Nancy Fraser, em sociedades estratificadas, as relações entre os diferentes públicos pertencentes a estas esferas tendem a ser mais de contestação do que de propriamente de deliberação.

Esse breve balanço historiográfico se faz necessário, pois o presente trabalho busca aproximar, partindo de uma *escrita de si*, os estudos de gênero e os relativos à esfera pública. Pretende-se, nesse artigo, investigar qual foi à interpretação crítica E.G. elaborou no que se refere à esfera pública seletiva norte-americana em sua autobiografia “*Vivendo Minha Vida*”

⁹Sobre os conceitos de esfera pública seletiva e subalterna, ver obra de Fernando Perlatto.



(1931). Parte-se do pressuposto que, ao realizar essa análise crítica em sua autobiografia, Goldman estava, direta e indiretamente, disputando as arenas discursivas em torno da esfera pública norte-americana do entresséculos.

No que se refere à trajetória dos estudos que possuem como objeto de estudo a figura de Goldman é possível perceber que eles se desenvolveram, majoritariamente, no decorrer dos anos 80. Mas, já na década de 70, é possível verificar um “resgate” dos escritos de E.G. e, devido a isso, ocorreu a republicação de diversas das suas obras. Já na década de oitenta se deu o início do *Emma Goldman Papery Project (EGPP)*, projeto ligado à Universidade da Califórnia, em Berkeley, que contribuiu para a organização, catalogação e publicação de diversos escritos, panfletos, cartas e demais materiais ligados à figura de Goldman. Como aponta Bruna Bianchi, a maioria dos estudos sobre E.G. foram de caráter biográfico e a “mayor parte de los autores ha seguido el camino trazado por la misma Emma Goldman en su autobiografía *Viviendo mi vida (Living My Life)*, la heroica aventura de una mujer judía, inmigrada y anarquista que supo adherir su propia vida a sus propios ideales” (BIANCHI, 2009, p.143). Portanto, segundo Bianchi, não “sorprende que hayan sido sobre todo las estudiosas feministas, con la convicción de que la experiencia existencial enriquece e ilumina el pensamiento, las primeras en considerar la filosofía política y social de Emma Goldman digna de atención” (Ibid.; p.144).

No que se refere à produção em língua portuguesa, são raríssimas as publicações que tenham como objeto de estudo a vida e o pensamento intelectual da anarquista. Após um levantamento encontramos, por exemplo, somente um livro e uma tese de doutorado que, em grande medida, apresenta E.G. ao público brasileiro. Tratam-se da obra de Elisabeth Souza Lobo “*Emma Goldman: A vida como Revolução*” (1983) e da tese de Liane Peters Richter denominada “*Emancipação feminina e moral libertária: Emma Goldman e Maria Lacerda de Moura*” (1998) que, por sua vez, realiza uma análise comparativa entre E.G. e Maria Lacerda. Os outros trabalhos em língua portuguesa sobre E.G. dizem respeito a pequenos artigos, entre os quais está o de Margareth Rago “*Prefácio a Emma Goldman. O tráfico de Mulheres*” (2011) e o do antropólogo Thaddeus Blanchette “*Emma Goldman e o espectro do ‘Tráfico de Mulheres’*” (2011), bem como traduções. Entretanto, com um levantamento mais atento é



possível identificar, no cenário brasileiro, produções recentes que buscam dar conta de entender o pensamento intelectual de E.G. em sua complexidade¹⁰.

Nesse sentido, dialogando com a produção relativa ao uso das *escritas de si*, como também com a historiografia sobre as relações de gênero e com o conceito de *esfera pública*, pretendemos, no atual artigo, não só apresentar parte da trajetória biográfica de E.G., mas, principalmente, romper com os escritos que, ao analisar a autobiográfica de Goldman, seguiram de maneira acrítica a narrativa ali presente. Com cautela para não reproduzir nenhuma “ilusão biográfica” (BOURDIEU, 2006, p. 183-191), o presente artigo pretende compreender qual era a crítica goldminiana em relação à esfera, a opinião pública norte-americana.

2 EMMA GOLDMAN:VIDA E OBRA

O leitor, neste ponto, deve ter percebido há tempo que isto não é um tratado de química [...] Não é tão pouco uma autobiografia, a não ser nos limites parciais e simbólicos em que todo escrito é uma autobiografia, melhor dizendo, toda obra humana: mas, de todo modo é sempre história (P. LEVI, Apud, GINZBURG, 2007, p. 255).

Nossa personagem nasceu no ano de 1869, em Kovno, atual Kaunas, cidade localizada na Lituânia, até então ligada ao Império Russo. Mesmo emigrando para Rochester, Estados Unidos, em 1886, a sua origem russa sempre foi revivida, nos escritos da própria E.G., com algo relativamente positivo, de grande impacto em sua trajetória. Em 1881, ainda em território russo, a família Goldman, em virtude do aumento do antissemitismo, transfere-se para São Petersburgo. Foi na Capital que E.G. teve contato mais direto com as obras niilistas – já que sua irmã Helena havia conseguido acesso a algumas obras por meio de estudantes da época (GOLDMAN, 2015, p.22) – e com os discursos sobre as mulheres revolucionárias. Segundo a historiadora norte-americana Alix Kates Shulman (2009, p. 8):

Era el año 1882; el Zar había sido asesinado y la revolución flotaba en el aire de Petersburgo. Allí, la ya rebelde Emma supo que en Rusia había mujeres revolucionarias que vivían para sí mismas y para la revolución, no para sus hombres. Esas mujeres ansiaban incluso ser mártires por la causa en la que creían, y eran absolutamente diferentes de las otras mujeres que Emma había conocido. Las convirtió en su modelo —en sus ídolos— y se sumó a su feminismo.

¹⁰Ver artigos: MARTINS, Nilciana Alves. “Emma Goldman e Liév Trótsky: Uma Análise Comparada dos Discursos”. *Revista Cantareira*. Niterói, v.1, n.28, p. 161-171, Jan-Jul. 2018.

MARTINS, Nilciana Alves. “Mulher, política e religião: o puritanismo por Emma Goldman”. *Revista Faces de Clio*. Juiz de Fora, v.5, n. 9, p.69-82, Jan-Jun. 2019.

MARTINS, Nilciana Alves. “A Revolução Russa por Emma Goldman”. *Aurora: Revista Discente de Graduação em História*. Niterói, v.1, n.1, p.39-48, jun. 2018.



E.G. passou a maior parte de sua vida em território norte-americano e, dado seu envolvimento com o movimento anarquista da época, criou diferentes *redes de sociabilidade* durante sua vida, bem como se tornou uma figura pública ainda jovem¹¹, sendo, por isso mesmo, amplamente retrata por jornais da época. Ainda em 1886, ao chegar a Rochester, trabalhou, assim como grande parte dos emigrantes do leste europeu, em uma fábrica têxtil. Ao retratar, em sua autobiografia, essa experiência, E.G. mostrou uma grande sensibilidade para identificar as diferentes formas violentas, as formas simbólicas de violência, que caracterizavam as relações de trabalho no final do XIX, como se pode observar no fragmento (GOLDMAN, 2015, p. 14-17):

A fábrica era longe [...] as salas eram entulhadas, sem ventilação e escuras. Lamparinas forneciam a luz; o sol jamais penetrava o ambiente de trabalho [...] eu estava na América, nas cidades das flores do estado de Nova York, numa fábrica-modelo, como me disseram [...] o trabalho ali era mais puxado, e o dia, com apenas meia hora para almoço, parecia interminável (não se podia nem ir ao banheiro sem permissão), e a vigilância constante do capataz pesava feito pedra no peito [...] Decidi pedir aumento [...] então pedi para falar com o senhor Garson. Fui conduzida a um escritório de luxo. Na mesa, belezas americanas. Eu já tinha admirado algumas floriculturas e uma vez, sem conseguir resistir à tentação, havia perguntado o preço. Eram um dólar e meio cada – mais da metade dos meus vencimentos semanais. O vaso adorável no escritório do senhor Garson tinha várias delas.

Os eventos ocorridos naquele contexto marcaram profundamente a trajetória de Goldman. A *Revolta de Haymarket* (1886)¹² e seus *Mártires*¹³, os *Metalúrgicos de Homestead*¹⁴, o sindicalismo, o moralismo protestante da sociedade estadunidense, a repressão à sexualidade feminina, tudo isso influenciou diretamente a figura e os escritos de Goldman.

¹¹Goldman tornou-se, em grande medida, uma figura pública após seu envolvimento na revolta dos Metalúrgicos de Homestead, em 1892.

¹²Considerada como uma das origens do dia do trabalhador, a Revolta de Haymarket, que ocorreu em Chicago (1886), diz de manifestações populares que reivindicavam melhores condições para os trabalhadores, entre as pautas, estava à jornada por oito horas de trabalho. A referida revolta foi severamente reprimida pelo Estado, deixando vários mortos e feridos. Entre as pessoas presas, estavam oito anarquistas, acusados de terem lançado, durante a manifestação, um artifício explosivo. Entretanto, não existiam provas que legitimassem a referida acusação, por isso, iniciou-se uma campanha pela libertação desses anarquistas, que ficaram conhecidos como “Os mártires de Chicago”. Alguns desses socialistas libertários foram condenados à forca e, outros, a prisão. A revolta, assim como a forma que a opinião pública acusava esses “mártires”, fez com que E.G. optasse por dar continuidade à luta desses militantes, isto é, tal evento contribuiu significativamente para que Goldman se aproximasse do movimento anarquista da época, como é possível verificar em sua autobiografia. Sobre a referida revolta ver mais em: AVRICH, Paul. “*The Haymarket Tragedy*”. Princeton: Princeton University Press, 1986.

¹³“Os mártires de Chicago” são Albert Parsons, Louis Lingg, Adolph Fischer, George Engel, August Spies, Michel Schwab, Samuel Fielden e Oscar Neebe. Sobre o assunto ver mais em (AVRICH, 1986).

¹⁴Movimentação dos trabalhadores de Homestead (1892) contra as medidas arbitrárias – intensificadas pelo diretor Henry Clay Frick – e as péssimas condições as quais estavam submetidos, ao prestarem serviços para Companhia Carnegie Steel. E.G. participou ativamente deste movimento. Sobre esse movimento ver mais em: KRAUSE, Paul. “*The battle for Homestead, 1880-1892: politics, culture, and steel*”. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 1992.



Após o assassinato dos *Mártires de Chicago*, E.G. optou por fazer da luta deles a sua (*Ibid.*; p. 10) e, por isso mesmo, muda-se para Nova York, com o intuito de conhecer Johann Most¹⁵, editor do jornal *Die Freiheit* e uma das figuras mais importante do movimento anarquista da época. Além de Most, E.G. conheceu outros indivíduos, entre os quais está Alexander Berkman¹⁶, que teve uma importância significativa na vida de Goldman, pois, veja bem, em 1938, com 65 anos, Emma declarou, em uma carta para Berkman, que “muitos homens passaram pela minha longa vida. Mas você, meu querido, ficara para sempre” (GOLDMAN, apud LOBO, 1983, p.72). Posteriormente, E.G. se afastou da figura de Most e se aproximou do periódico *Die Autonomie* pois, nas palavras da própria, “seus princípios eram mais próximos do que o anarquismo havia passado a significar para mim, mais do que os do Freiheit. O Autonomie enfatizava mais a liberdade do indivíduo e a independência dos grupos” (GOLDMAN, 2015, p. 57).

No ano de 1892, E.G. e Berkman envolveram-se na luta dos trabalhadores de Homestead contra as medidas arbitrárias da Companhia Carnegie Steel¹⁷. Em 1893, E.G. é condenada a um ano de prisão, sob a acusação de incitar a desordem durante as manifestações de agosto daquele ano que ocorreram na Union Square e que, em grande medida, sinalizavam a insatisfação popular em relação à exacerbação, devido à crise, das péssimas condições as quais os trabalhadores se encontravam. Durante a prisão vivenciou as mazelas oriundas do sistema penitenciário, mas fez o possível para manter a mente viva e, por isso mesmo, leu diversos livros, de autores como: “Walt Whitman, Emerson, Thoreau, Spencer, John Stuart Mill e muitos outros autores ingleses e americanos” (*Ibid.*; p. 107). Durante o tempo que ficou na

¹⁵Sobre o personagem ver: <http://www.anarquista.net/johann-most/>. Acesso 05/01/2018.

¹⁶Alexander Berkman (Sasha) (1870-1936) foi um anarquista de origem russa que emigrou para os Estados Unidos no final do século XIX e, em solo norte-americano, se envolveu mais diretamente com o movimento anarquista. Foi amante, bem como companheiro de luta de Emma Goldman. Durante sua trajetória nos EUA foi preso, sob a acusação de atentado contra a vida do industrial Henry Clay Frick. Ainda nos Estados Unidos participou do periódico “*Mother Earth*” e fundou o “*The Blast*”. Em 1925, Berkman publicou a obra “*O Mito Bolchevique*”, além disso, foi autor do livro “*O ABC do anarcocomunismo*”. Em 1936, Berkman comete suicídio. Sobre sua trajetória ver mais em: AVRICH, Paul; AVRICH, Karen. “*Sasha and Emma Goldman: The Anarchist Odyssey of Alexander Berkman and Emma Goldman*”.U.S: Belknap Press; 2012.; AVRICH, Paul; PATEMAN, Barry. “*Anarchist Voices: An Oral History of Anarchism in America*”. California: Ak Press, 2005, 592 p.

¹⁷Alexandre Berkman, em função da movimentação dos trabalhadores contra as medidas autoritárias da Companhia Carnegie Steel, realizou um atentado contra Henry Clay Frick, homem conhecido como inimigo dos esforços trabalhistas e proprietário de extensos campos de coca, onde os sindicatos eram proibidos e os trabalhadores tratados com uma mão de ferro, como aponta E.G. em sua autobiografia (*Ibid.*; p.63). Devido a tal atentado, Berkman ficou encarcerado até o ano de 1906. Esse episódio foi fundamental para trajetória política dos dois anarquistas e, diga-se de passagem, após ele, o casal anarquista tornaram-se figuras públicas. A partir de então, E.G. foi representada, em inúmeros momentos, pela mídia norte-americana, sendo tema de diversas matérias.



Ilha de Blackwell, prestou serviços na ala de costura, mas a convite do Dr. White – que E.G. conheceu depois de ficar internada por um mês, pois as condições físicas da prisão afetaram sua saúde – foi transferida para trabalhar na área hospitalar. Na prisão, E.G. tornou-se enfermeira.

Em agosto de 1895, após cumprir pena, a anarquista se dirige a Europa com o objetivo de dar continuidade aos estudos, pois, naquele momento, queria ter acesso ao diploma de enfermeira e ao de parteira, para assim dar continuidade a sua carreira profissional. Durante a viagem de um ano, passou pela Inglaterra onde proferiu uma série de palestras e conheceu figuras importantes do movimento: Errico Malatesta¹⁸, Piotr Kropotkin¹⁹ e Louise Michel²⁰. Em Viena, estudou na *Allgemeines Krakenhaus* e, em sua estadia, procurou conhecer a literatura moderna, tornando-se, por fim, grande admiradora dos escritos de Friedrich Nietzsche e das palestras do professor Sigmund Freud, segundo Goldman (*Ibid.*; p.127).

Em Viena podia-se ouvir palestras interessantes sobre prosa e sobre poesia alemãs modernas. Podia-se ler os trabalhos dos jovens iconoclastas na arte e na literatura, o maior ousado deles sem dúvida era Nietzsche. A mágica de sua linguagem e a beleza de sua visão levava-me a alturas sonhadas. Eu ansiava em devorar cada linha de seus escritos, mas era pobre demais para compra-los. Felizmente Grossmann tinha um suprimento de Nietzsche e outros modernos [...] Meu amigo me sugeriu que eu fosse às aulas do professor Bruhl, que também discutia problemas sexuais [...] A clareza quanto a esses assuntos foi muito maior quando ouvi Sigmund Freud. Sua simplicidade e sua franqueza, além do brilhantismo de sua mente combinavam-se para dar a sensação de ser levado de um porão escuro até a luz do dia. Pela primeira vez percebi o significado pleno da repressão sexual e de seus efeitos no pensamento e na ação humana. Ajudou-me a compreender, a compreender minhas necessidades; também percebi que apenas as pessoas mentes depravadas poderiam impugnar os motivos os crê-los —impuros|| numa personalidade tão grande quanto Freud.

Em 1896, E.G. já estava de volta a território norte-americano e, como o intuito de continuar sua militância, planejou, no ano seguinte, uma grande viagem pelos Estados Unidos, que tinha como objetivo principal divulgar o anarquismo. Em 1900, E.G. – com a ajuda financeira de outros anarquistas – viajou novamente até a Europa, com o propósito de contribuir na organização de um congresso anarquista, que aconteceu naquele ano em Paris. Naquele momento, Goldman também desejava dar continuidade aos estudos. Em sua passagem pela Europa, continuou desenvolvendo ações de militância.

¹⁸Sobre o personagem ver: <http://www.anarquista.net/errico-malatesta/>. Acesso 07/01/2018.

¹⁹Sobre o personagem ver: <http://www.anarquista.net/piotr-alexeyevich-kropotkin/>. Acesso 06/01/2018.

²⁰Sobre o personagem ver: <http://www.anarquista.net/louise-michel/>. Acesso 07/01/2018.



Já em 1901, novamente em solo norte-americano, E.G. tem que lidar com os rumores que a acusavam de ter algum envolvimento no assassinato do presidente William McKinley. E.G. chegou a ser encarcerada, mas não foi condenada, pois a acusação não estava fundamentada em fontes que comprovassem seu possível envolvimento. De qualquer forma, nesse contexto, E.G. foi tema de diversos jornais da época, sendo representada de diferentes maneiras pela *esfera pública*. Logo se descobriu que o verdadeiro assassino era Leon Gzolgoz, um adolescente que teria assistido, em algum momento, uma das palestras de Goldman. A militante anarquista, após sair da prisão de um mês, adotou uma posição em defesa do jovem, entendendo sua ação como uma forma de “*contra violência*” política, uma reação, e não como terrorismo gratuito. Entretanto, Leon Gzolgoz, apesar dos esforços de Goldman, foi executado pelo Estado.

Em 1903, E.G. participou de organizações contrárias à medida governamental que ficou conhecida como *Ato de Exclusão Anarquista*, já em 1906, fundou sua revista, a *Mother Earth*. Em 1907, viajou pelos Estados Unidos, realizando uma série de palestras que diziam respeito as relações de gênero fazendo, nesse sentido, contribuições positivas pela campanha do controle de natalidade, tema abordado em muitas de suas palestras, pois a prática como parteira a aproximou das situações desesperadoras as quais as mulheres, por não terem acesso a métodos contraceptivos, estavam submetidas. E, ainda no referido ano, participou do polêmico Congresso Anarquista de Amsterdã.

Em 1910, a anarquista publicou o livro “*Anarquismo e Outros Ensaio*” que é composto por diversos artigos publicados originalmente na *Mother Earth*. E em um contexto marcado por acusações e perseguições governamentais em relação a ativistas do controle de natalidade, bem como de intensa perseguição à figura Margaret Sanger²¹, E.G. intensifica sua campanha pelo direito das mulheres ao acesso a métodos contraceptivos. Em 1916, E.G. é presa novamente, acusada, assim como Sanger, de ter violado a Lei Comstock²² passando, por isso, duas semanas em um ambiente de trabalhos forçados.

Temáticas ligadas às problemáticas de gênero fizeram-se presentes não só nas atividades políticas de E.G., pois, após uma pesquisa no que se referem à produção intelectual, é possível afirmar que temas como “repressão e liberdade sexual”, “sufrágio feminino”,

²¹Margaret Sanger (1879-1966) ativista feminista fundadora da revista *The Woman Rebel*, que lutava pelo direito das mulheres a terem acesso aos métodos de “controle de natalidade”.

²²Lei federal que entrou em vigor, nos Estados Unidos, em março de 1873 e que tornava ilegal qualquer material “imoral”, o que incluía os métodos contraceptivos.



“emancipação feminina” se fizeram presentes também nos escritos goldminianos. Segundo a historiadora (RAGO, 2011, p.263): “em diferentes frentes de ataque à exploração capitalista, ao imperialismo e à opressão de gênero, ousa discutir assuntos até então pouco enunciados por mulheres, mesmo entre as feministas” e acrescenta “o tráfico das ‘escravas brancas’, a prostituição, o casamento e o amor livre compõem o conjunto desses” (*Idem*).

Como consequência da Grande Guerra, E.G. e Berkman intensificam suas militâncias em solo norte-americano contra o alistamento obrigatório, segundo Elisabeth Lobo (1983, p. 58):

Como Emma observara em 1917, o militarismo e a reação se expandiram na Europa e nos Estados Unidos. O fantasma ameaçador da revolução russa rondava; as greves; os atentados terroristas serviam de pretexto para o medo vermelho. Emma Goldman e Berkman foram então enquadrados entre os 60.000 estrangeiros que ameaçavam a paz americana. Montou-se um processo. Documentos alterados invocavam a participação de Emma no atentado contra McKinley e o passado terrorista de Berkman. Emma e Sasha, cidadãos do mundo, não eram cidadãos americanos.

No ano de 1917, o casal foi preso e condenado a dois anos de prisão e, ainda sim, contavam com a possibilidade de serem deportados. Em setembro, ambos são embarcados no navio *Buford* e, por conseguinte, deportados dos EUA. Em 1919, E.G. já se encontrava na Rússia e lá continuou até 1921, ano que sinaliza o fim do processo revolucionário russo²³ e a intensificação da perseguição em relação às diferentes oposições políticas presente no território russo o que, evidentemente, influenciou na decisão de E.G. em se dirigir para Europa. Em 1923, são publicados, no jornal *The World*, escritos nos quais E.G. relata sua experiência em território russo entre os anos de 1919-1921, a compilação desses artigos compõe o texto “Dos Anõs em Rusia. Diez artículos publicados em The World. Traducidos y editados por Aurora, revista quincenal – New York, 1923”. No mesmo ano pulicou “My Disillusionment in Rusia”, sua principal obra sobre o sistema soviético. Em 1931, publica a sua autobiografia “Living My Life” que, por sua vez, é a fonte do presente artigo. Já em 1936, durante a Guerra Civil Espanhola, E.G. apoiou a luta dos anarquistas contra o fascismo e manteve intenso contato com o grupo das “Mujeres Libres”. Emma Goldman faleceu no Canadá, em 1940.

Tal apresentação biográfica de nossa personagem torna-se necessária, pois, como veremos, a crítica goldminiana em relação a esfera pública da época possui, evidentemente, relações com seu posicionamento político, sua visão de mundo e com sua *memória*. Não

²³Sobre o aspecto temporal do processo revolucionário proposto no presente trabalho ver obra de FILHO, Daniel Aarão Reis. “*A Revolução que mudou o mundo: Rússia 1917*”. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.



queremos dizer com isso que a perspectiva crítica de E.G. é uma reprodução de uma ideologia, dada *a priori*, mas, pelo contrário, acreditamos que, como quase todo escrito, a narrativa de E.G. é uma “dialética” entre sua objetividade e subjetividade, sendo o objetivo do presente artigo analisar sua perspectiva crítica sem negligenciar tal situação, pois, afinal, como aponta a própria Goldman “E. G. a mulher e suas ideias são inseparáveis” (2015, p. 195).

3 A REPRESENTAÇÃO DA ESFERA PÚBLICA NORTE-AMERICANA NA AUTOBIOGRAFIA DE EMMA GOLDMAN

A essa altura está claro que Emma Goldman, em seus escritos, pensava sobre diferentes assuntos e dialogava com diversos autores. Ao investigar os textos de E.G. fica evidente a força que fatores que dizem respeito a próprio contexto no qual a anarquista estava inserida adquiriram ali, mas, tal fato, não exclui a possibilidade de verificar a existência de especificidades próprias do pensamento goldminiano, isto é, “*novas sínteses*” ali presentes. Como aponta Thaddeus Blanchette (2011, p. 288):

A continuada importância do pensamento de Goldman é fruto de sua visão pouco ortodoxa das lutas políticas e culturais de seu tempo. Enquanto muitos de seus contemporâneos acreditavam em modelos ideológicos que pregavam o autoritarismo em nome da construção de uma sociedade ideal, “Emma Vermelha” duvidava de qualquer filosofia que louvasse a repressão. Embora fosse uma anarquista que não desprezava a violência como ferramenta revolucionária [...] Goldman nunca endeuou qualquer ideologia a ponto de perder de vista as políticas cotidianas que Foucault, mais tarde, rotularia de controle e disciplina. Não só se preocupava com a luta de classes e as políticas de massa, como também enxergava as inúmeras maneiras com que o poder invade a vida cotidiana, condicionando mentes, corpos e almas.

As temáticas problematizadas por E.G. são diversas, pois a socialista libertária falava de temas que remetem a política, a economia, bem como a cultura. Com o intuito de cumprir o objetivo ao qual o presente artigo se propõe, selecionamos uma pequena amostra, fragmentos retirados da autobiografia de E.G., a partir dos quais é possível perceber a perspectiva crítica da anarquista em relação a representação midiática da época. Obviamente, a obra “Vivendo Minha Vida” possui um tom memorialista, visto que se trata de uma autobiografia, entretanto, acreditamos ser possível, com um cuidado metodológico, perceber, nesse escrito, uma perspectiva crítica de E.G. em relação ao *mainstream* da esfera pública seletiva norte-americana da época.

Um dos pontos abordados por E.G., em sua autobiografia, refere-se à repercussão da *Revolta de Haymarket* nos jornais da época, segundo Goldman os jornais de Rochester “nos



irritavam, confundiam e atormentavam pelo seu evidente preconceito” (GOLDMAN, 2015, p. 8) e acrescenta que “a violência da imprensa, a denúncia amarga dos acusados e os ataques a todos os estrangeiros colocaram nossa simpatia do lado das vítimas de Haymarket” (*Idem*). Sobre esse episódio, E.G. relembra o papel da opinião pública na decisão pela condenação dos homens que ficaram conhecidos como os *Mártires de Chicago*, segundo Goldman (*Ibid.*; p. 9):

A opinião pública estava tão inflamada pelas histórias atrozes circuladas pela imprensa que, para os líderes da greve, a chance de um julgamento justo se tornou mínima. Na verdade, o julgamento se provou a pior trama para culpar inocentes da história dos Estados Unidos da América. O júri foi escolhido para a condenação; o promotor público anunciou abertamente que não apenas os homens presos estavam sob acusação, mas que “o anarquismo estava em julgamento” e que ele deveria ser exterminado. As testemunhas foram aterrorizadas ou subordinadas, com o resultado que oito homens [...] foram condenados. A opinião pública incitada e o preconceito geral contra os anarquistas, junto á amarga oposição dos empregados à jornada de oito horas constituíram a atmosfera que favorecia o assassinato jurídico dos anarquistas de Chicago.

Como já mencionado, E.G. proferiu palestras por diversas cidades norte-americanas. Tais eventos, não raro, contavam como uma repercussão, quase sempre negativa, por parte da mídia da época. E.G. relata que após realizar intervenções públicas na cidade de Spring Valley que, por sua vez, culminaram em uma passeata pelo Dia do Trabalho, os anarquistas da referida cidade resolveram realizar um piquenique no qual eles levariam seus filhos e filhas, dezenove bebês, para que Goldman “os batizasse ‘no verdadeiro costume anarquista” (*Ibid.*; p. 177). E, com isso, E.G. declara que subiu “num barril de cerveja vazio, já que não havia outro palanque, e me dirigi à plateia. Senti que quem precisava de um batismo era na verdade os pais, um batismo nas novas ideias dos direitos das crianças” (*Idem*). Sobre a repercussão de tal episódio na mídia E.G. afirma que “os jornais locais do dia seguinte tinham duas histórias principais: uma que Emma Goldman havia ‘bebido com um marinheiro’; e outra que ela havia ‘batizado crianças anarquistas em barris de cervejas” (*Idem*).

Em Chicago, com o intuito de proferir uma palestra, E.G. se viu obrigada a se esconder na casa de amigos e, após sair pelos fundos da casa do camarada Becky Yampolsky, visto que os policiais da cidade estavam mobilizados para impedir a intervenção pública de Goldman, chegou ao palanque. Segundo a anarquista, ao chegar ao salão, “imediatamente me pus a falar. Os primeiros tons da minha voz e a ovação do público trouxeram a polícia ao palco. O capitão encarregado me puxou à força, quase rasgando meu vestido” (*Ibid.*; p. 305) diante dessa situação começou uma confusão e “temendo que alguns dos nossos jovens pudessem ser levados a um ato impensado, chamei: ‘A polícia está aqui para causar outra revolta de



Haymarket. Não lhes dêem essa chance. Saíam silenciosamente e vocês ajudaram a causa mil vezes mais” (*Idem*). Diante desse chamado “a plateia aplaudiu e entoou uma canção revolucionária, saindo numa fila perfeitamente ordenada” (*Idem*). Visto que a questão da “liberdade de expressão” sempre foi um tema debatido e reivindicado por grupos civis da sociedade norte-americana, a repercussão desse evento ganhou contorno distinto dos até aqui abordados, segundo Goldman (*Idem*), após esse episódio:

A ação da polícia resultou que a maioria dos jornais, que antes pediam à polícia para “dar um basta na anarquia”, em protestos nos editoriais contra meu tratamento brutal. Alguns afirmavam que não haviam sido a polícia mas a frieza de Emma Goldman que havia impedido derramamento de sangue. Um jornal escreveu “O Capitão Mahoney agiu contrariamente às ordens ao ejetar Emma Goldman do Salão do Trabalhador, onde ela deveria ter palestrado. Ao evitar que falasse, caíram no jogo dela e deram provas às asserções de seus seguidores de que não existe direito constitucional de livre expressão”. No dia seguinte a imprensa de Chicago publicou artigos e cartas de protesto de homens e mulheres conhecidos. Uma era de William Dudley Foulke, manifestando sua indignação contra a supressão de Emma Goldman e da livre expressão. Outro foi assinado pelo Dr. Kuh, um proeminente médico de Chicago. Mas o resultado mais gratificante foi a posição tomada pelo rabino Hirsch em relação à polícia em nosso evento. No domingo seguinte seu sermão foi dedicado a uma exposição objetiva do anarquismo. Entre outras coisas, ele salientou a estupidez das autoridades em tentar reprimir com métodos violentos um ideal que tinha como portavozes alguns dos espíritos mais nobres do mundo. Uma contribuição adicional à mudança de atitude foi feita pelo Dr. Kuh quando me convidou à sua casa para conhecer seu irmão e outros amigos interessados na luta pela livre expressão. A formação de uma Liga da Livre Expressão em Chicago, resultou daí, com alguns dos radicais mais proeminentes da cidade como membros.

Já em San Francisco, com o intuito de realizar uma conferência, Goldman afirma que ali suas “palestras foram verdadeiras batalhas campais. Por quarteirões as ruas estavam alinhadas com policiais em automóveis, a cavalo e a pé. Dentro do salão havia guardas fortemente armados, e o palco cercado por oficiais” (*Ibid.*; p. 312) e acrescenta que a presença desse aparato repressor “propagandeavam nossos encontros além de nossas expectativas. Nosso salão tinha uma capacidade para cinco mil sentados, e mostrou-se pequeno demais para multidões para clamavam para entrar” (*Idem*). Para E.G., o episódio mais interessante de sua passagem por San Francisco foi quando ela palestrou sobre o patriotismo e contou com “o aplauso furioso [...] mostrou que cinco mil pessoas simpatizavam com minhas ideias” (*Ibid.*; p. 313). Após o seu discurso, segundo E.G., “uma tempestade me cercou e me vi rodeada de homens e mulheres apertando-me a mão” (*Idem*) e declara que “subitamente vi uma figura alta e de uniforme de soldado estendendo-me a mão. Antes que eu pudesse pensar, apertei-a. Quando a plateia viu isso, foi o pandemônio” (*Idem*), pois “pessoas atiravam seus chapéus para o ar, batiam os pés e gritavam com alegria incontrolada ao ver Emma Goldman dando a mão a



um soldado” (*Idem*). Em virtude da agitação do momento E.G. declara que não teve “tempo de perguntar o nome do homem. Tudo o que ele disse foi: ‘Obrigado, senhorita Goldman’, e então desapareceu tão invisível como apareceu. Foi um fim dramático a uma situação já bastante dramática” (*Idem*).

A ação do soldado, o fato de ter cumprimentando E.G., o gerou problemas. Devido a essa atuação, William Buwalda foi preso. Segundo a anarquista, após uma agitação a favor do homem ele foi “perdoado pelo presidente Roosevelt. Foi solto após dez meses de prisão” (*Ibid.*; p. 324). Logo após esse período, E.G. que voltara a região para palestras e debates encontrou-se com o soldado que, por sua vez, declarou que, antes de presenciar uma intervenção da anarquista, “em várias ocasiões ele havia se deparado com meu nome nos jornais. Ele havia pensado que Emma Goldman fosse uma piada e havia dado pouca atenção aos artigos sobre mim” (*Ibid.*; p. 325) e que “havia se deparado com a minha palestra, acidentalmente, ao passear” (*Idem*), mas, ao ouvir a palestra de Goldman ele “queria gritar em protesto, desafiar suas afirmações perante toda a assembleia. Porém quanto mais eu resistia à sua influência, mais eu caía sob ela. Sua eloquência me deixou sem fôlego até o final da sua fala” (*Idem*). Ao ser levado ao tribunal militar, o soldado percebeu que E.G. havia falado a verdade em sua palestra sobre o patriotismo e declara que quando o perguntaram “o que você²⁴ havia feito por mim para que eu me misturasse com uma pessoa tão perigosa, e eu respondi: ‘Ela me fez pensar’. Sim, você me fez pensar Emma Goldman, pela primeira vez em todos os meus quarenta anos” (*Idem*). Tal episódio indica a forma pela qual as palestras e a própria figura de Emma Goldman era retrata pela esfera pública da época, além disso, serve para indicar a perseguição, o enquadramento que o próprio Estado e os meios de comunicações dominante da época engendravam em torno da figura de Goldman e de suas redes de sociabilidade.

Em suas viagens pelos Estados Unidos desenvolveu suas atividades de militância e, dado a essas experiências, sempre achou “as cidades universitárias as mais indiferentes às lutas sociais. Os grupos estudantis americanos ignoravam as grandes questões e não se simpatizavam com as massas” (*Ibid.*; p. 337). Entretanto, ao ir à Universidade de Wisconsin, descobriu “um tom completamente diferente [...] os professores e alunos se mostravam vitalmente interessados em ideias sociais, e a biblioteca continha a melhor seleção de livros, jornais e revistas” (*Idem*). Em virtude do convite de estudantes, E.G. foi palestrar no salão do campus e discutiu sobre a

²⁴Você, nesse caso, se refere à Emma Goldman. Nesses fragmentos, E.G. reproduzir falas que o soldado a teria dito.



“diferença entre os universitários americanos e russos” (*Idem*) e, segundo ela: “foi uma novidade para nossos ouvintes aprender que a *intelligentsia russa* via a educação, não apenas como um suporte para sua carreira, mas como algo que lhes permitiria compreender a vida e o povo, para que pudessem ensinar-lhes e ajudar-lhes” (*Idem*).

Logo após essa primeira palestra os diretores responsáveis pelo prédio decidiram por recusar o salão para possíveis encontros futuros. Segundo E.G., tal situação “foi, é claro, a melhor publicidade para nossas reuniões. Trouxe multidões de estudantes ao salão que havíamos conseguido na cidade e os fez ainda mais desejosos de que falássemos” (*Ibid.*; p. 338). Entre as consequências de sua intervenção pública na cidade E.G. declara que “soube por parte de um bibliotecário que houvera uma grande demanda por livros sobre anarquismo desde que eu viera falar na cidade, maior do que em toda a história da existência da biblioteca” (*Idem*). Sobre a repercussão pública desses eventos, Goldman (*Idem*) declara que:

A excitação que minha presença em Madison criou, e o grande comparecimento em nossas reuniões foi demais para o povo conservador da cidade. Seu porta-voz, o jornal *Democrat*, soou o alarme contra “o espírito da anarquia e da revolução à solta na universidade”. O editor escolheu como seu alvo principal o professor Ross, que havia sido meu anfitrião e que, além de atender minhas palestras, havia convidado os alunos a participarem. O jornal quase causou a demissão do professor. Felizmente, ele havia partido numa viagem havia muito planejada para a China logo após minha visita. Os rugidos delirantes do *Democrat* logo se extinguíram, e quando o Dr. Ross retornou do Oriente, pôde continuar seu trabalho sem maiores importunações.

Emma Goldman, anarquista que era, desenvolveu uma intensa militância contra o militarismo e, nas primeiras décadas do século XX, proferiu palestras e produziu inúmeros documentos contra o alistamento obrigatório, muitos deles foram publicados na *Mother Earth*. E, em virtude de suas limitações financeiras, muito provavelmente, esses documentos não alcançariam o um público extremamente significativo, mas, nesse caso, a esfera pública norte-americana, ironicamente, “veio a nosso socorro” (*Ibid.*; p. 437), pois, como aponta E.G., os jornais de Nova York “havia re-impresso passagens inteiras de nosso manifesto anti-conscrição, alguns haviam reproduzido todo o texto e assim chamado a atenção de milhões de leitores” (*Idem*), tal fato ilustra uma significativa relação entre a esfera pública seletiva e a subalterna, no caso representada pela *Mother Earth*. A intensa militância de E.G. contra a conscrição fez com que ela e seu companheiro Alexander Berkman, além de presos, fossem deportados para Rússia em 1919. Já no terminal, momentos antes de entrar no navio *Buford*, um repórter indaga: “Esse é o fim de Emma Goldman, não é?” (*Ibid.*; p. 512), nossa personagem



rapidamente responde “Pode ser apenas o começo” (*Idem*). De fato, sabemos hoje, era só o começo.

4 CONCLUSÃO

Como aponta Hayden White “não vivemos estórias, mesmo que confirmamos sentido à nossa vida moldando-a respectivamente na forma de estórias” (WHITE, 2001, p. 106). Isto é, a vida não é um conjunto coerente e orientado, dado *a priori*, como bem sabemos. Nesse sentido, estamos atentos ao fato de que a narrativa que da forma a autobiografia de Emma Goldman é, como quase todos os escritos, uma mescla de objetividade e subjetividade. Em certo sentido, essa narrativa é baseada em suas *memórias* que são, *stricto sensu*, mutáveis, influenciadas por fatores presentes no contexto no qual se escreve. De qualquer forma, partimos do pressuposto que tal situação é, na verdade, uma potencialidade, pois, afinal, dialogando com a historiografia dos *escritos de si* e, por isso mesmo, não reproduzindo nenhum tipo de “ilusão biográfica” (BOURDIEU, 2006, p. 183-191), podemos, através de “Vivendo a Minha Vida”, compreender parte da dinâmica da esfera pública seletiva norte-americana do entresséculos, como também identificar como Goldman formulou uma interpretação, isto é, como disputou na arena discursiva que analisava essa mesma esfera pública da época. Nesse sentido, o principal objetivo desse artigo foi investigar qual foi a interpretação crítica de E.G. no que se refere à esfera pública midiática norte-americana. Diante desse objetivo, se fez necessário resgatar parte da trajetória política e pessoal de Goldman, pois, tal coisa, se relaciona diretamente com o tipo de perspectiva crítica que nossa personagem traçou em relação a esfera pública da época. Para cumprir tal tarefa, selecionamos uma pequena amostra de episódios que foram retratos na obra “Vivendo Minha Vida” e que, por sua vez, possibilitavam a exemplificação e compreensão da perspectiva crítica de nossa personagem em torno da mídia norte-americana da época. Por fim, percebemos que, Goldman, membro das camadas subalternas, tinha uma narrativa, um discurso em torno da esfera pública para além daquele proposto pelo *status quo*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENDDT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

AURELL, James. *Textos autobiográficos como fontes historiográficas*: relendo Fernand Braudel e Anne Kriegel. **História (São Paulo)**, v.33, n.1, p.340-364, jan./jun, 2014.



AVELAR, Alexandre de Sá. **A biografia como escrita da História: possibilidades, limites e tensões.** *Dimensões*, vol.24, 2010, p.157-172.

AVRICH, Paul. **The Haymarket Tragedy.** Princeton: Princeton University Press, 1986.

AVRICH, Paul; AVRICH, Karen. **Sasha and Emma Goldman: the Anarchist Odyssey of Alexander Berkman and Emma Goldman.** U.S: Belknap Press; 2012.

AVRICH, Paul; PATEMAN, Barry. **Anarchist Voices: an Oral History of Anarchism in America.** California: Ak Press, 2005.

BIANCHI, Bruna (epílogo); SHULAMAN, Alix Kates (prólogo). GOLDMAN, Emma. **La mujer más peligrosa del mundo: textos feministas de Emma Goldman.** Edición: LaCongregación [Anarquismo em PDF], Portada: Reybum, 2009.

BLANCHETTE, Thaddeus. *Emma Vermelha e o espectro do 'tráfico de mulheres'.* **Cad. Pagu [online]**. 2011, n.37, pp. 284-297. ISSN 0104-8333. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-83332011000200012>. Acesso: 10/06/2018. Acesso: 12/11/2017.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos.** São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOURDIEU, Pierre. *A ilusão biográfica.* In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 183-191.

CERTEAU, Michel. **A Escrita da História.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

FILHO, Daniel Aarão Reis. **A Revolução que mudou o mundo: Rússia 1917.** São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

FRASER, N. 1992. *Rethinking the Public Sphere: A contribution to the critique of actually existing democracy.* In: C. Calhoun, ed. **Habermas and the Public Sphere.** London: MIT Press.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, Emblemas, Sinais.** São Paulo: Companhia das Letras, 2007, 2ª edição, 2ª reimpressão, 2007.

_____. **O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício.** São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GOLDMAN, Emma. **Vivendo minha Vida.** Curitiba: L-Dopa Publicações, 2015.

_____. *Dos años en rusia: Diez artículos publicados en The World. Traducidos y editados por Aurora (revista quincenal), New York, 1923.* Barcelona, Palma Mallorca: Pequeña Biblioteca Calamvs Scriptorivs, 1978.

HUYSEN, Andreas. **Present Pasts: urban Palimpsests and the Politics of Memory (Cultural Memory in the Present).**



_____. *Twilight Memories: Marking Time in a Culture of Amnesia* (1995).

IGGERS, Georg. *Desafios do século XXI à historiografia*. **História da Historiografia**. Ouro Preto, n. 4, março, 2010.

KRAUSE, Paul. **The battle for Homestead, 1880-1892: politics, culture, and steel**. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 1992.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

LOBO, Elisabeth Souza. **Emma Goldman — A vida como Revolução**. São Paulo, Brasiliense, 1983.

LUBENOW, Jorge A. **A categoria de esfera pública em Jürgen Habermas: para uma reconstrução da autocrítica**. João Pessoa: Editora Manufatura, 2012.

MARTINS, Nilciana Alves. *A Revolução Russa por Emma Goldman*. **Aurora: Revista Discente de Graduação em História**. Niterói, v.1, n.1, p.39-48, jun. 2018.

MARTINS, Nilciana Alves. *Emma Goldman e Liév Trótsky: Uma Análise Comparada dos Discursos*. **Revista Cantareira**. Niterói, v.1, n.28, p. 161-171, Jan-Jul. 2018.

MARTINS, Nilciana Alves. *Mulher, política e religião: o puritanismo por Emma Goldman*. **Revista Faces de Clio**. Juiz de Fora, v.5, n.9, p.69-82, Jan-jun. 2019.

PERLATTO, Fernando. **Esferas públicas no Brasil: teoria social, públicos subalternos e democracia**. Curitiba: Appris Editora, 2018.

PERLATTO, Fernando. *Seletividade da esfera pública e esferas públicas subalternas: disputas e possibilidades na modernização brasileira*. **Revista de Sociologia e Política**. Paraná, v.23, n.53, março, 2015.

RAGO, Luzia Margareth. *As mulheres na historiografia brasileira*. In: Silva, Zélia Lopes (orgs.). **Cultura Histórica em debate**. São Paulo: Unesp, 1995.

RAGO, Luzia Margareth. *Prefácio à Emma Goldman: tráfico de Mulheres*. **Cad. Pagu [online]**. 2011, n.37, pp.263-271. ISSN 0104-8333. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-83332011000200010>. Acesso: 12/11/2017.

RICHTER, Liane Peters. **Emancipação feminina e moral libertária: Emma Goldman e Maria Lacerda de Moura**. 1998. Dissertação de Mestrado. Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, 1998.

WHITE, Hayden. **Trópicos do discurso: Ensaios sobre a Crítica da Cultura**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.